

# As invasões bárbaras ou o dinheiro traz felicidade

**Alexandre Pinto Cardoso**

*“A medicina é a mais nobre das profissões; se ela decai, é porque os seus cultores a enfraquecem”*

Miguel Couto

Dezesseis anos depois de *O Declínio do Império Americano*, o novo filme de Denys Arcand, *Invasões Bárbaras*, nos coloca frente a frente com a Vida, com tudo que ela tem de mais lírico e de mais abjeto. Ao ambientar o seu roteiro em um hospital, tendo como idéia principal as reflexões e as relações de um homem com doença fora de possibilidade terapêutica e de desfecho letal, o autor passa em revista a humanidade.

O fio condutor que perpassa todo o filme e enseja reflexões outras, é o filho que, apesar de ter pouco diálogo com o pai, identifica a ocasião como a última chance de resgatar esta relação. Um filho tão diferente do pai, de quem ele quase se torna a antítese, utilizando como método o poder do dinheiro, “que tudo compra, tudo pode”. Gerações diferentes, concepções divergentes, ideologias distintas. O pai um socialista utópico; o filho o emblema do capitalismo.

O andamento do filme e o seu conteúdo nos lembram alguns outros considerados clássicos da Sétima Arte: *Um corpo que cai* “*Vertigo*” de Alfred Hitchcock, como sabemos um thriller, *Viver a vida* “*Vivre sa Vie*” de Godard um misto de ficção e documentário, e ainda, a dialética e interpenetração: realidade, mística, corpo, mito, Deus, Demo, um sempre se transformando no outro como ensina Glauber: em *Deus* e o *Diabo na Terra do Sol*. O resultado é que vamos de um fôlego só a *la recherche du temp perdu* até o desfecho onírico com a overdose fatal.

Não faz parte do escopo desta resenha tecer detalhes técnicos mais alentados sobre o excelente

filme, mas sim, pinçar algumas invasões “bárbaras” no campo da prática médica.

O filho “bárbaro” descrente do sistema de saúde estatal canadense de Montreal vira o sistema hospitalar de cabeça para baixo, faz contato com amigo médico, que a distância recomenda método de investigação por imagem, não disponível na unidade na qual o pai se encontra internado, sob protesto do mesmo e contra suas convicções é levado ao país “bárbaro” para se submeter ao não menos bárbaro exame, que por via eletrônica chega aos olhos do consultor *ad hoc* que conclui não haver saída, que de resto era a opinião do staff canadense. Segue-se a decisão de “tratamento” paliativo com narcóticos, com a anuência da equipe de saúde do hospital representado pela enfermeira boazinha, que conivente se solidariza com o ritual de partida tramado, morte, eutanásia, viagem e assassinato. Afinal todo o esforço feito pelo filho “bárbaro” para conforto e alegria do pai e reconforto, dele filho, não poderia ter um desfecho natural, precisava ter um fim rápido, relativamente barato, indolor, previsível e contando com a participação de todos. Questões de vida e de morte, de ética e de compaixão ...

Ao voltar para a sua vida, para a sua noiva, o “bárbaro” mais uma vez não dá ouvidos ao coração e aos sentimentos e faz “a coisa certa”: declínio da humanidade?

*Resenha publicada originalmente no Jornal do Cremerj.*